

## **Narrativas de Territórios Negros: o pensamento de Stuart Hall e a filmografia de Spike Lee<sup>1</sup>**

Aida Rodrigues Feitosa<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### **Resumo**

Os territórios negros estão presentes tanto no pensamento de Stuart Hall como no cinema de Spike Lee. Ao observar a obra de Spike Lee pela lente das teorias de Stuart Hall temos uma melhor compreensão da narrativa cinematográfica principalmente no entendimento do espaço. A experiência afrodiáspórica liga territórios negros pelo mundo que revelam histórias de suas identidades e diferenças. O presente trabalho pretende analisar o filme Código das Ruas (2004) de Spike Lee à luz do texto Policiamento da Crise (1978) de Stuart Hall.

### **Palavras-chave**

cinema negro, território, diáspora, negritude

### **Corpo do trabalho**

O presente artigo pretende analisar a importância dos territórios negros para o pensamento de Stuart Hall ao mesmo tempo em que pretende contextualizá-los no cinema de Spike Lee. Nos escritos de Hall percebemos constantemente a linguagem, o vocabulário e a gramática do lugar e do urbanismo, entendendo o espaço além de um palco onde a cultura se desenvolve, mas sim como uma característica constitutiva da prática cultural. Assim como nos filmes de Lee, o lugar possui uma centralidade narrativa sendo muito mais do um pano de fundo para a história contada.

Para a análise proposta utilizaremos o texto de Hall, *Policing the Crisis* (Policiamento da Crise, 1978), confrontando-o com o filme de Spike Lee: *Sucker Free City* (Código das Ruas, 2004). Também será pensada a interpretação do texto proposta no artigo '*Urbanism and city spaces in the work of Stuart Hall*', de autoria de Michael Keith, que analisa a maneira na qual a vida na cidade informa sobre a escrita de Hall. Keith argumenta que a noção de urbanismo como uma realização teórica empírica é transformada numa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Cinema, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestranda da Faculdade de Comunicação da UnB, email: aidafeitosa29@gmail.com

elemento constitutivo para o entendimento das políticas raciais que acontecem nas metrópoles globalizadas do século vinte um.

Nascido na Jamaica, Stuart Hall fez seus estudos universitários em Oxford na Grã-Bretanha, onde posteriormente se instalou como, segundo sua própria definição, “um intelectual diáspórico”. Sua trajetória de produção teórica é marcada pela preocupação em repensar a cultura no meio de uma globalização complexa e contraditória. Hall foi um dos fundadores e dirigiu entre 1968 e 1979, o centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham (Inglaterra) de onde se transferiu para Open University. Com inúmeros títulos publicados, Hall tornou-se uma das principais referências sobre as dimensões político-culturais da globalização, vistas a partir da diáspora negra,

Spike Lee é talvez o cineasta afro-americano de maior destaque da indústria cinematográfica norte-americana e também tem importante destaque no cenário internacional. Iniciou sua carreira com o longa *She got have it* ( Ela quer tudo, 1986) e continua produzindo até os dias de hoje, já tendo realizado cerca de 39 filmes. Entre grandes produções como Malcolm X, Mais e Melhores Blues e A hora do show, seu maior sucesso é o filme *Faça a coisa certa*, pelo qual foi indicado ao Oscar e ao Globo de Ouro. Uma constante em suas obras é a temática racial, desconstruindo estereótipos e mostrando a complexidade de realidades multiculturais norte-americanas. Além de diretor, produtor e roteirista, ele seguidamente atua em seus próprios filmes.

Podemos entender territórios negros como o lugar geográfico ocupado, vivido e experienciado por uma população majoritariamente negra. Apesar de estarem em espaços geográficos diferentes (um na Inglaterra, outro nos Estados Unidos), tanto Hall como Lee discutem a experiência diaspórica e o momento político, enquanto o primeiro produz teorizações, o segundo obras cinematográficas. Dessa forma, utilizar as teorias propostas por Hall revelará importantes aspectos nas narrativas do cineasta norte-americano. O fio condutor desse percurso é o espaço, o lugar, o urbanismo dos territórios negros presentes nas obras. A questão racial é central uma vez que conduz a apropriação do espaço tanto local, regional, nacional e global.

Segundo Keith, desde os primeiros trabalhos de Hall a linguagem do espaço e do lugar fundamentam sua teoria sendo a realização territorial das políticas culturais. O geográfico é pensado quase como um empirismo ou o local onde se realiza a pesquisa empírica. Mas isso evolui a medida que o contexto e a articulação se tornam teoricamente mais importante e o espaço abre o potencial dramático da contingência. E a cidade se torna

o lugar da performance. Performatividade entendida não é só como o palco no urbano, mas as ruas da cidade e os reinos alternativos de dissidência e criatividade que se constituem em uma nova forma cultural. Também se torna um imperativo político, entender as cartografias contraditórias da cidade.

Foucault (1999, 2004) nos sugere que a primeira dimensão territorial que possuímos é o próprio corpo e é sobre o corpo que o poder, nas mais diferentes escalas, se exerce. A concentração de corpos negros em espaços com condições de vida precárias e excessivo policiamento é uma constante na história das comunidades afrodiáspóricas, seja por força de lei, seja por restrições econômicas.

Para entender como a segregação espacial sistematizada por determinantes raciais influenciou a obra de Spike Lee, tornando-se assim um importante instrumento de análise de sua obra, tomaremos o conceito de território do geógrafo Milton Santos.

O território é o chão e mais a população, isto é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influí. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que está falando em território usado, utilizado por uma população (SANTOS, 2003, p.174).

No filme de Spike Lee que será estudado perceberemos de forma nítida o chão e a população integrados. São retratadas comunidades afrodiáspóricas que apresentam historicidades semelhantes em outras cidades, regiões e países, dessa forma o filme dialoga para além das fronteiras nacionais. Spike Lee faz então uma ligação entre o local e o global.

O conceito que revela o território negro nesse movimento do local para o global proposto no cinema de Spike Lee é a negritude. Segundo Munanga (2009, p.20) a negritude e/ou a identidade negra se referem a história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. Nesses tempos de globalização, a negritude se mostra como um dos melhores antídotos contra as duas formas de perda de identidade: seja por segregação cercada pelo particular, seja por diluição na universal (MUNANGA apud CÉSAIRE, 1987, p.21). Para Hall (2003, p.343), a identidade negra na cultura popular é produto de sincronizações parciais, de engajamento que atravessam fronteiras culturais e de confluências de mais de uma tradição cultural, apresentando uma estética diáspórica. Hall também explica que as

identidades estão sujeitas a historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (1998,p.109)

No filme *Código das Ruas*, Spike Lee mostra a trajetória violenta de três jovens (um negro, um branco e um chinês) que disputam espaços em diferentes guetos de São Francisco. Suas vidas se cruzam e a tensão racial sobe. Tudo com a sombra da polícia rondando. Em *Policimento da crise*, Hall desenvolve a noção de gueto analisando conflitos violentos de comunidades negras em Londres com a polícia. Temos aqui o Hall denominou a racialização iconográfica do lugar fundindo etnicidade, localidade e o imaginário espacial do perigo.

A análise de Hall se alterna entre a realidade empírica da população negra do gueto vitimada por processos racistas de criminalização e a invenção de significações culturais de raça como sinônimo de criminalidade. Em *Policimento da crise* são repedidas as alusões ao gueto como metáfora e o gueto como realidade: uma colônia negra ficcional que significa criminalidade no discurso racista e uma colônia negra factual de comunidades subordinadas. Para Keith, esse é o elemento analítico do estudo mais poderoso, distinguindo-o das descrições levianas sobre criminalização.

Ao filmar uma narrativa ambientada nos guetos de São Francisco, Spike Lee também dialoga com o caráter real e metafórico desses territórios, problematizando discursos racistas e propondo assim um novo olhar para a realidade. O filme *Código das Ruas* começa com uma imagem aérea do planeta Terra e vai fechando para as Américas, a América do Norte, Califórnia, a cidade de São Francisco e o bairro negro Hunter's Point, daí começa a descrição: "Em 1974, a marinha americana fechou o estaleiro Hunter's Point, deixando muitas famílias afroamericanas desempregadas. Algumas trabalhavam lá há gerações. Ao abandonar a área, a marinha deixou um legado mortal de lixo tóxico. Hoje, Hunter's Point possui um dos índices mais altos de câncer no país." Na cena seguinte é mostrado o envolvimento de jovens e crianças negros com o tráfico de drogas e uma perseguição policial em que, tal como guerra de guerrilha, os jovens escapam da polícia entrando num beco que só quem é do local poderia prever. A viatura policial vira numa rua acima, onde encontra os jovens já fora do carro com as mãos para cima. Os policiais perguntam pela criança e eles dizem que não havia criança, como também não há nada que possa os criminalizá-los. Enquanto é feita a revista, um dos jovens negros, Luv, que depois será um dos protagonistas do filme, questiona um policial sobre a veracidade de uma matéria que leu na revista Times que tratava do alto índice de suicídio entre os policiais. O

policial diz para ele não acreditar em tudo que lê, fim da cena. Assim percebe-se que a polícia é uma constante no bairro e que os moradores lidam com ela com uma subserviência rebelde, transitando entre o real e o metafórico.

Outro bairro descrito no filme é o Mission District: “Historicamente um bairro de trabalhadores, o Mission District abriga muitos imigrantes. No final dos anos 90, o boom das empresas de tecnologia criou uma corrida de novos ricos ao bairro. Os antigos moradores, incluindo artistas, ativistas políticos, minorias e os pobres foram forçados a saírem devido ao aumento do aluguel e do valor do imóvel.” É desse bairro que sai a família branca de Nick e vão morar em Hunter’s Point gerando tensões raciais. Itens de valor da casa são roubados, o que causa revolta em Nick, outro protagonista do filme, mas que é compreensível para seu pai, quem já trabalhou como líder dos Panteras Negras, entendendo a dificuldade das comunidades negras que de tempos em tempos são expulsas dos bairros onde moram pela especulação imobiliária e a chegada de brancos. Essa tensão só será acalmada quando Luv propor um parceria para Nick.

Ao tratar do lugar do outro, Michael Keith lembra os escritos de Edward Said, especialmente o *Orientalismo* (1978), segundo o qual é criado um lugar, inventada uma geografia imaginada e sub-representada, esse lugar que ele chama de Oriente. Apesar de críticos questionarem qual é esse Oriente que o *Orientalismo* propõe, tanto Said como Hall problematizam a espacialidade real e imaginária do gueto, superando uma aparente contradição. Nesse contexto, o filme do Spike Lee retrata uma das Chinatown mais antigas dos Estados Unidos: “Durante a corrida do ouro nos último anos de 1840, chineses imigraram para a Califórnia onde construíram ferrovias e trabalharam em minas. Este fluxo fez nascer a primeira Chinatown de São Francisco. As antigas entidade assistenciais, mais tarde chamadas de Tongs, foram criadas para proteger chineses de abusos no trabalho. Estas organizações tornaram-se as precursoras da atual máfia chinesa.” Esse pequeno oriente dentro do ocidente se encontra tão longe e tão perto dos outros bairros de São Francisco. Dentro do bairro, são retradas as relações da máfia chinesa com o comércio local. O jovem chinês Lin, o terceiro protagonista, que faz a coleta de uma espécie de taxa é também quem garante a segurança dos comerciantes legais e ilegais que ainda mantém fortes costumes chineses como o uso do mandarim.

Outro conceito proposto por Hall é o de fechamento arbitrário “a necessidade ficcional e a ficção necessária que torna a política e a identidade possíveis.” (1987, p.45)

Segundo Hall esse fechamento arbitrário não é definitivo, mas está presente em todos os movimentos sociais que tentaram transformar a sociedade e reivindicaram a construção de novas subjetividades. Em *Código das Ruas*, Luv, o jovem negro, decide trocar o comércio de drogas pelo de CDs de rap. Um amigo rapper o inspira dizendo que todo o lucro da venda de seus discos ficam com os chineses que são especialistas em pirataria e que ele não é Jay-Z, mas um artista independente por isso precisa do retorno. Luv então vai a Chinatown e conversa com Lin, o responsável pela segurança, e diz para que não seja mais pirateado o CD do seu amigo, caso contrário, ele iria trazer sua gangue de Huntr's Point para aplacar a calma de Chinatown cheia de turistas e restaurantes. Consciente do fechamento arbitrário e fazendo bom uso do conceito, Luv e seus amigos se tornam assim não só vendedores de CDs mas também produtores de novos cantores de rap.

Concordando com Pierre Solin, para quem um filme é também o que se diz a respeito dele, percebemos que temos uma maior e melhor compreensão da obra de Spike Lee olhando-a pela lente das teorias de Stuart Hall. Ao mesmo tempo em que percebemos que a experiência diáspórica negra guarda profundas semelhanças, construindo uma experiência espacial global. Para entender os territórios negros pelo mundo é fundamental pensá-los comparativamente percebendo suas identidades e suas diferenças.

## Referências

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro; Graal, 1979.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

KEITH, Michael. *Urbanism and city spaces in the work of Stuart Hall*. **Cultural Studies**, vol.23, n.4, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SAID, Edward. **Orientalism**. London, Peregrine, 1978

SOLIN, Pierre. **Esthétiques de L'audiovisuel**. Paris: Nathan Université, 1992.